



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

29 DE SETEMBRO DE 1956
Ano XIII — N.º 328 — Preço 1\$00

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

FACETAS DE UMA VIDA



A alegria da sua juventude foi a constante de uma vida marcada por Deus.

Uma vocação sacerdotal não nasce da noite para o dia... É o resultado duma evolução longa cujo princípio, às vezes, só muito tarde vem a reconhecer-se.

Ora ouçamos lembranças antigas que o irmão mais velho, ainda vivo, hoje nos vem oferecer.

O Américo, porque era o filho mais novo, e muito principalmente porque desde tenra idade mostrou ter sempre um espírito muito meigo e muito caritativo, foi sempre o predileto de sua Mãe. Ambos viveram sempre muito unidos, amando-se em comunhão perfeita.

Era muito caseiro e dedicava tal carinho a sua Mãe, procurando sempre a companhia dela, ajudando-a em certos trabalhos domésticos, como dobar linho, fiar, etc.

As suas brincadeiras preferidas eram aquelas que versavam assuntos religiosos. Uma missa em igreja improvisada com ramalhos, umas tábuas a servir de altar e ele, com uma opa branca, era o padre. Outras vezes eram procissões religiosas, com verdadeiros andores em miniatura, que ele fazia em sociedade com outros rapazes do lugar. Figurava sempre de padre nestas brincadeiras. A imagem que frequentemente ia no andor, ainda hoje existe na «Casa do Bairro». É um velho marfim que representa Santa Eufrásia.

Por tudo isto era alcunhado de «beato» por seus irmãos. Estes serviam-se dele para obterem favores dos pais, abusando e valendo-se da bondade e simplicidade do Américo, para encobrirem as suas travessuras de rapazes. Não! que o pai era severo e a mãe não menos...

Desde pequeno praticou em larga escala a caridade, ele, que que vivia numa casa farta, onde nada faltava. Dava aos pobres por amor de Deus. Gostava muito de conversar com eles e visitava-os frequentemente. Ia saber das suas necessidades.

Certa vez, encontrando-se com um pobre seu vizinho, o «Zé Regueira», soube que este não tinha pão com que matar a fome aos filhos. Américo manda-o esperar e a correr entra em casa. Vai onde estava o pão, pega numa boroa e com ela debaixo do braço, vai novamente até junto do pobre, entrega-lha e recomenda-lhe que a leve para casa e «sempre que precise de mais venha buscar». Este pobre achou tão grande a esmola, e vinda das mãos duma criança, que não teve coragem de a levar para casa sem autorização dos pais do Américo. Estes ouviram-no contar como obteve o pão e manda-

ram-no para casa tal qual como o filho o havia feito.

As suas esmolas eram sempre grandes e não poucas vezes em duplicado. Estas eram dadas conforme a necessidade do pobre.

De uma vez deu uma segunda esmola de pão a um pobre que já havia recebido o seu quinhão. Ao ser disto avisado retorquiu: «Não faz mal. Quem nos deu este dá-nos mais». Sempre que estava na eira a guardar os cereais, que ali secavam, não passava pelo caminho que junto desta ficava, pobre algum que não levasse uma esmola de milho ou feijões. Por medida usava o boné que trazia na cabeça.

Doutra vez, ao regressar a casa vindo da mercearia, encontrou-se com a Senhora Quitéria, que andava com os filhos ainda pequeninos a apanhar landes. Como o dia era de chuva, estranhou o Américo que andasse esta mulher mais os filhos a fazer aquele serviço. Ao saber que ela andava às landes para arranjar dinheiro para azeite meteu a mão ao bolso e, dos trocos que trazia da

mercearia, deu-lhe o dinheiro preciso, recomendando que se recolhesse a casa com os filhos.

Em outra ocasião, ainda menino, conversando com uma jardineira de seus pais, velhinha que ainda hoje vive, Maria Teixeira, teve este desabafo: «tenho pena, muita pena dos pobres, e não tendo mais que lhes dar, dou-lhes uma mão cheia de feijões do campo». Os pobres eram e foram sempre a sua constante preocupação, a sua devoção. Assim se passou a infância do Américo.

Desde pequeno, muito pequeno mesmo, que ele confiava à sua mãe o desejo de ser padre. O pai contrariou-o sempre, pois supunha que não passava dum simples sonho de criança.

Feito o exame de instrução primária foi para o colégio estudar comércio, como era vontade de Pai. Frequentou o colégio de Pai. Frequentou o colégio de Carmo, em Penafiel, durante dois anos seguindo depois para o de Santa Quitéria, em Felgueiras.

Parecia que o sonho de crian-

CONT. PÁGINA TRES

Património dos Pobres

O Douro foi o lugar da primeira jornada ao serviço do Património.

Em manhazinha mais de Março Marçagão que dos princípios de Setembro, Abel mais eu, fizemo-nos ao caminho; aquele para me ensinar as voltas e me render ao volante. Foi uma viagem de reconhecimento, afim de contactar com o que estava feito e com o mais que anda em mãos.

A primeira estação foi Fontelo de S. Domingos. Ali pontifica Padre Duarte. P.e Duarte já é conhecido pelas suas «ai-risses», que, com as «duartisses» do Padre Aires, formam, na linguagem sorridente de Pai Américo, um perfeito dueto de açacadores «dele». Ora a verdade é que ambos merecem o que acaçam, porque «ele» vê-se frutificado em obras.

Em uma das freguesias de Padre Duarte, três prédios para seis famílias, com sala, três quartos, cosinha e uma cave. Da situação nem se fala. Um perfeito sanatório e miradouro. Mas esta é uma constante de todas as casas que visitámos.

Na outra freguesia uma casa habitada e mais três em via da mesma sorte. Nesta há mais o Centro de Assistência. No rés do chão, salão de festas e jogos para a juventude. No 1.º andar, consultório, sala de espera, salas de tratamentos, raios ultra-violetes e infra-vermelhos, radioscopia (esta ainda em perspectiva) e mais duas enfermarias para um pequeno «Calvário».

Em corpo anexo cosinha, mais refeitório da Cantina Es-

colar. Um belo quintal e um terraço que desperta apetite. P.e Duarte está ainda bastante empenhado, mas não é homem para se assustar. Tanto assim que não pára. Lá ficaram umas achazitas para alimentar o fogo e, qualquer dia—já esperamos— aí vem novo S.O.S.

Dali fomos a Lamego e às duas casas da freguesia de Almacave, as únicas — supomos — pertinho da cidade.

Na descida passámos por Cambres. Aí estão já quatro casas habitadas, mais quatro com telhado. Tudo casas grandes para famílias numerosas (há uma de onze filhos), com seu quintalito. Perto está a capela mais disparatada que jamais vi; mas essa não é da responsabilidade do zeloso pároco.

CONT. PÁGINA TRES

Setúbal

A nossa Casa continua a ser para os setubalenses objecto de grande devoção.

A vinda continuada do grupo de Senhoras à segunda-feira de tarde, para cuidar da nossa roupa, é uma prova. Estas Senhoras vêm sempre carregadas. Nós não podemos dar nota de tudo. Chamam amigas; batem à porta das que não podem vir a pedir a sua oferta. Conseguiram-nos peixe na lota para todos os dias. E muito mais coisas de que não sabemos dar conta. Vivem a nossa vida.

São Senhoras que em suas casas não necessitam de trabalhar. Nunca viram roupa tão rotinha. Admiram-se e trazem a que os filhos já não usam. Amam-nos. Assim todas façam desta vinda a nossa Casa um acto de Amor a Deus. Aliás, perderiam tudo; pois nós não sabemos, nem podemos, nem nos compete agradecer. Deus, sim.

Mas não é somente este grupo de senhoras. Muitos e muitas que não podem vir, mandam. E muitos não vêm, nem mandam, porque não nos conhecem.

Cem escudos duma promessa de Setúbal; visitantes com 17\$50; cinquenta deixados em «OSetubalense»; três caixas de conserva; foguetes e mais divertimentos para o S. João. Oh! que alegria naquela noite! No fim de tudo, fomos para a quinta para cima das ameixieiras.

Trinta sacos de cimento da Cécil. Esta Companhia tem que ter muita paciência, mas temos que lhe bater à porta muitas vezes. Os bons vizinhos são assim. Incomodam-se. E já agora queremos comunicar a todos os setubalenses e a todos os portugueses que começámos com obras e queríamos só acabar quando tivéssemos o necessário para instalarmos decentemente, e com o indispensável apetrechamento, cem rapazes. E olhai que

CONT. PÁGINA TRES

Eu não quero indagar o animato discreto de quem nos dá, nem bolir ou compor o bilhete singelo que acompanha cada um dos mimos com que o correio todos os dias nos presenteia. Como também não pretendo ferir a cristã magnanimidade dos nossos amigos, omitindo-lhes os nomes ou não mencionando aquilo que com tanto gosto ofertam, porque o muito dos últimos tempos não deixa tomar tudo exacto donde tudo procede. Uma coisa, e tranquilizadora, nos é dado saber: Deus para aqui encaminha quanto nos mandam. Quem Lhe serve de instrumento dê portanto graças por prestar esse serviço, que os nossos rapazes estão de mãos erguidas.

Ora vejamos o nosso diário desde o começo do verão. Por

ele se avalia o carinho com que os rapazes continuam sendo tratados.

Pelo S. Pedro recebemos de Loures fogo de artifício que ardeu na devida altura e sem riscos.

Para a sala de recreios de inverno cento e oito metros de mosaicos «As» do nosso primeiro amigo de Coimbra.

No «Diário de Notícias» apareceu um «valioso donativo» de cinco contos. Das alunas do curso da Singer no Tojal 300\$. Em carta perdida 100\$. De visitantes 29\$, mais 109\$. Duma promessa 500\$.

Das gentis iniciais A. P. es-

pelho e cadeira para a barbearia. O Anastácio tomou gosto e agora todos os dias ali se apresenta à espera dos fregueses. Os alfaiates, sapateiros, serralheiros e carpinteiros aguardam também ansiosos a hora de igual prazer, quando as suas respectivas oficinas estiverem convenientemente apetrechadas. Todas elas têm dependências espaçosas, onde muito comportam, mas por ora não. Só a barbearia.

Vai em dois anos que não compramos lenha. Da velha igreja de S. Julião mais uma camioneta; da Calçada da Ajuda outra; e, aqui no Tojal, mais dela pelos montes. É dum amigo certo que em tudo nos vale. Dele mais o trabalho da debulha do trigo e enfardamento da palha, e cabazes com fruta, e dois borregos e um carro para as vacas de trabalho. E não pára de oferecer.

Duma mãe para os sem ela, cem. Do conhecido casal de Arroios igual quantia. Por intenção do Pai Américo ainda o mesmo.

Uma noiva dias antes do grande passo da sua vida, quis assegurar a bênção divina depondo em nossas mãos seis contos.

Mais donativos de 20\$, 50\$, 30\$, e 89. Da escola Nuno Gonçalves, mil. Que bela lição deram aqueles rapazes e que bem ensinam seus mestres!

Duma casa em vias de demolição o quanto nos agrada-se: vieram armários, lavatórios, roupas, mesa de ping-pong e uma grande admiração pela obra.

A companhia Luso-Panamense despejou em nossa dispensa os porões do North King, de sorte que nunca entre nós se comeu tanta carne e gulodices como naqueles dias. Duas toneladas de variedades alimentícias! Houve o enjôo, hoje a recordação saudosa. É um exemplo a seguir para tantas companhias de navegação que preferem deitar ao mar o que não podem trazer para terra, por via dos impostos. Para nós o Senhor Director da Alfândega facilita. Podem chamar-nos, porque nós vamos.

Da Sociedade Frigorífica do Tojal, queijo da serra. Mais um fato completo e 81 de visitantes.

Agosto, em igual ritmo de entradas, abriu com «uma pequenina esmola de 20\$», dois donativos de 100\$ e um de 30\$. Da Loe do Lumiar 122\$. De Lisboa roupas e mais roupas.

Mão escondida vem há anos lançando achas na fogueira tão certinha dos empregados da Vacuum. Mais duas cotizações de 1.640\$ e 1.025\$.

Por alguém que Deus haja dois mil. Visitantes deixaram 254\$.

Foi iniciativa espontânea repetida em muitos pontos do país fazer-se colecta para a Obra da Rua, durante as missas celebradas pelo Pai Américo. Do Seixal 70\$, dos Anjos 200\$, 728\$70 do Caldeirão, de S. Condestável 500\$.

O que nos dão no Tojal

fez, nem os homens; só Deus e bastou.

Do pessoal da Nestlé 374\$50. Dos empregados do Crédito Predial 250\$.

O peditório no Estoril rendeu 8.270\$.

O clima mais moderado do sul é propício à sonolência. Por isso Lisboa acorda sempre tarde, mas quando tal sucede deixem-na agir. Pois a capital acordou, e sobressaltada por ser manhã alta. Eu já ando cansado dos recados das últimas horas. Em breve ali irei carregar com a V. W. Depois direi o quê.

P. Baptista

AGORA

A mesa aonde escrevo é uma floresta de papelinhos. Uma «procissão» como esta, tão variada e concorrida, tem de ser convenientemente organizada, quando não... Ora cada monte de papelinhos é uma secção que há-de passar a seu tempo.

Começemos pela representação mais numerosa que é a dos trabalhadores de muitos trabalhos. Vêm logo em 1.º lugar os empregados bancários que,

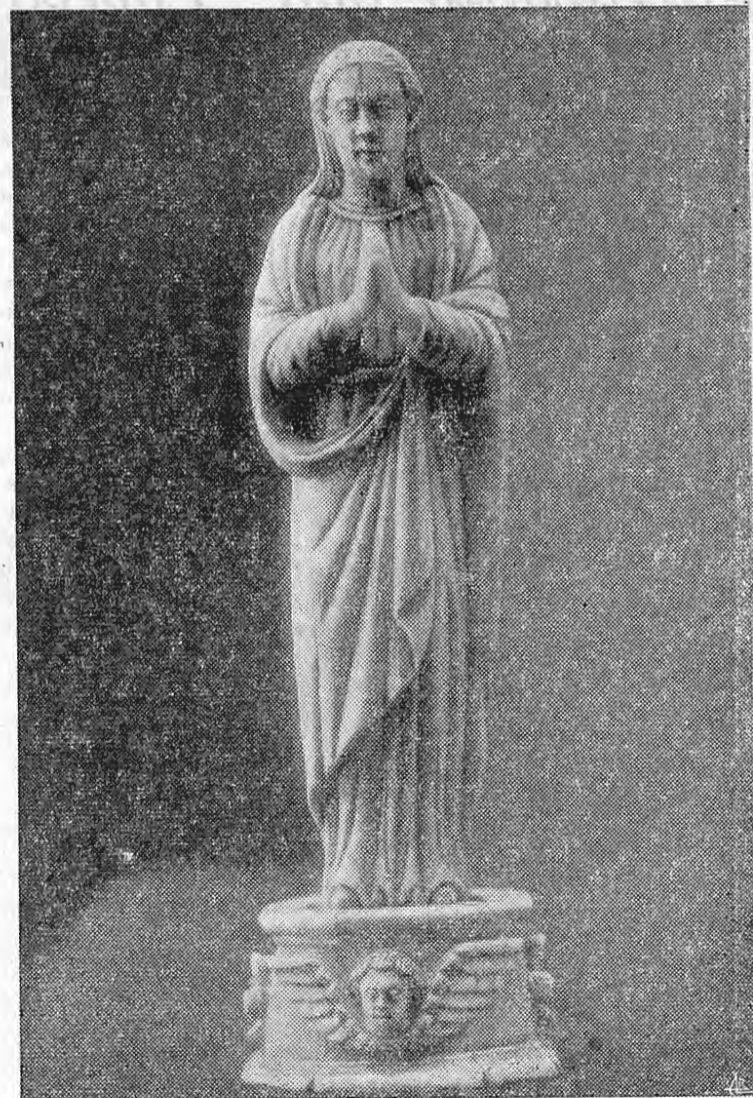
nem por lidarem com muito dinheiro são muito ricos. Passa gente dos Bancos Aliança e Fernandes Magalhães, Lisboa & Açores e Banco de Portugal, Português do Atlântico e Crédito, António Coimbra & Irmão, Sousa, Cruz & Comp.ª e Montepio Geral. Soma tudo 17.460\$. Comunica-se que o Pessoal do Banco Ferreira Alves e Pinto Leite há-de aparecer a seu tempo. E, com muita caridade, «resta ainda esclarecer que a omissão dos Empregados de outros Estabelecimentos Bancários é motivada por alguns já terem contribuído isoladamente».

E tanto assim é que o Pessoal do Banco Português do Atlântico entrou no grupo acima e ainda está para aparecer de novo, por sua conta e risco, com mais vinte contos. E «devemos frizar que não é aquele montante o máximo que obteremos, dado que algumas das nossas Agências não procederam ainda à sua contribuição».

Agora é o Pessoal e Chefes da Firma Emílio de Azevedo Campos com 2.006\$80. Segue a Casa Candidinha e seu Pessoal com 420\$, segunda cota para a construção de uma casa. Atenção à legenda deste estandarte:

«O pessoal das Oficinas de Obras Metálicas da C.P., em Ovar, em comemoração da memória do Santo Padre Américo iniciou uma cotização mensal para enviar a V. Ex.ª, até ao bastante para a construção de uma casa. Há até a oferta, de um dos empregados da referida Oficina, do terreno necessário

Cont. na página QUATRO



A imagem que frequentemente ia no andar...

CANTINHO

Passeando estes jardins tão pacíficos de Singeverga, quantas recordações! Há oito anos precisos eu mesmo os pisava uma primeira vez em busca do rumo que já soava aos meus ouvidos havia meses, mas sobre o qual ainda não tinha a certeza.

Foi no regresso daqui que essa certeza se fez, embora mais um ano eu procurasse furtar-me ao «meu caminho».

Hoje, porém, recapitulei passadas vossas. De quanta transformação! de quantas escamas caídas dos vossos olhos, agora abertos para as Verdades Eternas — não são testemunhas estas ruelas marginadas de arbustos e flores!

Os dois retiros que estes últimos anos aqui fizestes foram «rasteiras» que Deus vos passou e em que todos, mais ou menos, caistes. Quando o homem vive mergulhado no mundo, acontece muitas vezes embriagar-se com o momento que passa e perder o sentido autêntico do seu destino. Encontrando-o assim distraído do seu verdadeiro caminho, Deus «passa-lhe uma rasteira» e o homem cai... em si. Um retiro é ocasião propícia destas «rasteiras», que restituem os homens à plena posse de si mesmos. Lembrais-vos daquela tese: «O homem que entra em si, aí encontra Deus»? E o homem que encontra Deus, nEle se descobre a si mesmo, porque Deus é a Realidade perfeita de quem nós somos imagens, às vezes tão desfiguradas... Mas o homem que fez a descoberta da semelhança entre a Realidade perfeita e a imagem imperfeita que ele é, enamora-se da Perfeição, perde o temor à escalada que sabe ser precisa para ir definindo em sua alma os contornos da exacta imagem divina e lança-se, de olhos dirigidos às alturas, num caminho novo, que é o verdadeiro.

Eis o homem que venceu o mundo. Mais ou menos, ao partir do vosso retiro, vós tendes ido nesta disposição, nesta posição de vencedores do mundo. Quando pensamos no ponto de partida de tantos, que viviam do mundo e para o mundo e começam agora a viver no mundo, sim, e ainda para ele, mas com a consciência plena da sua transitoriedade — que deslumbramento! Oh, benditas «rasteiras» de Deus!

Hoje são já alguns rapazes que se propõem servir sem condições a nossa Obra. Outros pensam na constituição dos seus lares; mas, enquanto não chega a hora, estão prontos a servir com muita dedicação. «A Obra começa quando eu morrer», profetizou Pai Américo. É verdade. Nós estamos dando os primeiros passos. Do Céu ele segue-nos de braços estendidos, como fazem os Pais aos filhos pequeninos que ensaiam o andar, não vão cair e magoar-se.

Tremenda responsabilidade a nossa! E no entanto, acompanhados por ele, guiados por ele, rumo às alturas, que é o lugar onde ele está — porque havemos de temer?

Basta que nossos olhos se não desprendam do alto e em nossas mãos se conserve o troféu ganho por cada um nestes jardins pacíficos de Singeverga, onde meditámos e achámos o segredo do amor com que se vence o mundo.

DOS RAPAZES

Património dos Pobres

Acabamos de descer a encosta e de novo na Régua cortámos para Fontelas e Oliveira. Duas freguesias, um mesmo pároco, que, nem por reparado, é menos cuidadoso de cada um dos rebanhos.

Em Oliveira há um Centro de Assistência Infantil que acode diariamente a muitas dezenas de crianças. Ele escola pré-primária, cantina, dormitório para a sesta dos «bata-tinhas» e duas casas do Património. Tudo muito cheio de boa vontade, mas muito acanhadinho. Não haverá em Oliveira uma nesga de terreno para este Centro e mais casas sem exigir da pequenina Casa Paroquial esta transformação em arca de Noé? Na subida por uma velha estrada romana passámos junto a três palácios em suas quintas. Uma destas até se vende por 700 contos. Quem arranja uma nesguinha de terreno ao pároco de Oliveira?

No regresso passámos pelas quatro casas de Fontelas e pelo velho casarão acabado de comprar para Centro de Assistência Paroquial. Este casarão está quase todo por pagar. Depois vêm as obras que subirão a perto de outro tanto. Aquele padre vive em paz porque lê por uma cartilha que não é dos prelos deste mundo: A necessidade do seu povo será a cobertura do seu déficit.

Dali seguimos a Medrões. Entrei na Igreja, vi o Pastor mai-las ovelhas rezando a Via-Sacra e voltei sozinho a ver as casas. Disse ao Abel que estávamos perante um verdadeiro padre espiritual. Ao pé das casas viemos a saber que o Senhor Bispo o quer no Seminário a dirigir os seminaristas e que o povo de Medrões não o deixa sair da freguesia. E assim, ao longo do ano ele

vai realizando o milagre de estar todo em dois lugares.

Estas casas são talvez as mais bem construídas e graciosas de quantas visitámos. Do panorama, nem se fala — já disse. Além do Património, do Seminário, da paróquia, padre de Medrões tem cantina escolar durante o tempo lectivo e dá de comer a 40 velhinhos todo o ano. Como não havia sala nem lugar, foi-se à loja da residência paroquial e transformou-a em refeitório. Ali ceámos e fomos testemunhas de como em Medrões a miséria se vai remediando porque a virtude da Pobreza tem ali uma existência viva.

Eram dez e meia da noite quando chegámos a Vila Real. Senhor Bispo teve a caridade de nos dar uns momentos e depois hospitalidade para aquela noite. Manhã seguinte, após a Missa voltámos a casa. * * Falei acima em primeira jornada, mas foi engano. Antes tinha estado em Gulpilhares, concelho de Gaia, onde estão dez casas e outras a subir. Pai Américo tinha posto a condição de uma Conferência Vicentina. Pois saiba-se que ela já é e está trabalhando cheia de vontade no acompanhar os moradores das casas, fiel ao pensamento de Pai Américo que não sonhou o Património para benemerência meramente material, mas sim para civilização e cristianização dos Pobres, que não podem ser elevados enquanto nas cortelhas. Senão, veja-se o que ele escreveu repetidas vezes: «Onde não houver Conferência, não se façam casas».

E também em meados de Agosto fomos a S. Jacinto. Foi a 1.ª pedra da primeira geminada. Outras se lhe seguirão. Há terreno. Há juventude no Pároco e no pessoal da Base Aérea, Comandante à frente. Até o Senhor Arcebispo, com os seus oitenta e tal cheios de juventude, não quis faltar a esta sementeira. Portanto em S. Jacinto vamos para tantas quantas as necessárias.

* * E Já agora uma prevenção. Começaram a aparecer no correio cartas com três selos de 1\$00 ou vales de 3\$00 para o Património. Há dias surgiu a explicação: «É uma sagrada cadeia». Para que cada família pobre tenha uma casa, «basta que V. Ex.ª cumpra as normas indicadas:

a) No prazo de cinco dias enviará à Casa do Gaiato de Paço de Sousa em vale de correio a importância de 3\$00.

b) No mesmo espaço de tempo V. Ex.ª enviará 5 cópias integrais desta a 5 pessoas conhecidas e assim terá dado o seu contributo.

Não quebre V. Ex.ª esta sagrada cadeia, lembre-se «quem dá aos pobres empresta a Deus». Ora vejam lá os senhores se o mafarrico tem sono! De que se havia de lembrar!

E nem vêm as «pobres pessoas que caem na esparrela de não quebrar esta «sagrada cadeia» que acabam por dispendir, pelo menos 1\$30 (e 2\$80 se o vale for registado

Do que nós necessitamos

Mais um vale de mil «de uma quete feita entre o pessoal da Fábrica de Tecidos Aliança da Giesta». Mais uma «lembrança» de Sacavém. Da Capela de Fradelos 500\$, rendimento do peditório ali feito na Missa do 30.º dia por alma de Pai Américo. 50\$00 de Pardilhó e uma mensagem muito cheia de afecto. As raparigas da M.P. que fizeram o 3.º turno do Campo de Férias na Granja apareceram com 750\$. Outro tanto dos brasileiros do «Sarabulho». E desculpem por não ter assinado o livro que me apresentaram. Em razão da amizade antiga com Pai Américo tê-lo-ia feito com muito gosto. Mas estava arranjado se começasse a dar autógrafos a quem se lembrasse de tal pedir! Em acção de graças, 50\$ dos Arcos de Valdevez e 20\$ de Lisboa. Mais 10\$ duma promessa. Roupas para os dois mais pequeninos e calças prós grandes. Mais roupa de Nampula. E outra vez vários embrulhos dela, à porta, pelo correio e no Depósito.

De Viana do Castelo, da Isabel, Dina, Céu e Zeza, 20\$. E a «pequena prestação habitual da Maria Antonieta, Maria do Carmo e Artur, de Aveiro: 100\$00». Uma caixa de marmelada duma Confeitaria do Porto.

Outra vez as Lêcistas acampadas na Figueira com 407\$. Um modesto operário foi pelas portas da Praça Coronel Pacheco e Rua do Pinheiro e recolheu 200\$. E parece estar disposto a repetir!

Mais 3.040\$ por intermédio do «Comércio do Porto». 600\$ das operárias da Fábrica Luso-Holandesa de redes. Agora vem a Marinha: 500\$ da Guarnição da «Corvina».

Os moradores do Bairro de Paranhos foram ao Lar do Porto e deixaram 2.275\$00. Mais 400\$ de quete feita por algumas pessoas do Candal.

Das alunas da 4.ª classe da escola n.º 10, do Porto, 30\$. Anda ali dedo da professora, com certeza. Felizes alunas que têm quem lhes ensine a altíssima ciência da Caridade, matéria tão esquecida nos programas!

Os empregados da firma Monteiro & Giro, de Quelimane «em testemunho de apreço por tão grandiosa obra» oferecem 730\$00. Mais África, agora Leurenço Marques, com 100\$ em acção de graças.

«De uma promessa que já devia ter mandado no princípio do mês», 1.000\$00. «E que Deus os abençoe». 50\$00 de Coimbra «no 8.º aniversário do falecimento do meu saudoso Pai». A passar de uma tonelada de gordura americana chegada às nossas mãos pelo Instituto de Assistência à Família.

«Um pequeno grupo de viajantes comerciais, que se encontra aqui (Braga), entendeu cotizar certa quantia — a que iriam gastar no cinema — e obteve a importância que consta do vale que, com o maior prazer vos enviamos. Isto, nada mais representa do que uma pequenina Homenagem à memória do vosso, e nosso Pai Américo, que continua e continuará, sempre, PRESENTE, na nossa grande saudade».

200\$ referentes ao serviço prestado pelo Pronto Socorro da Estação de Serviço De Soto. Mais 1.250\$ do peditório feito no Bairro Costa Cabral e imediações. Os escutas acampados em Avintes vieram cá em grande número e deixaram 1.360\$. Muitos grupos excursionistas: «Os Unidinhos da Afurada», «Os do Largo do Paraíso», «Os Inseparáveis de Massarelos» e «Os Amigos do Gaiato» da Travessa dos Arcos, ao Carvalho que vieram, como todos os anos, e trouxeram 768\$50, fruto da cotização de \$20 por semana de cada um dos associados. Mais pobres a ajudar os pobres. Agora vão os de Moura, no Alentejo, que juntaram suas migalhas e aos dez, cinco e dois tostões mandaram rezar uma Missa por alma de Pai Américo e ainda sobram 70\$00, arredondados certamente pela mão piedosa que nos envia a preciosa lista.

100\$ de Moçambique, Vila António Enes, pela nova colação de meu filho. 20\$ e esta exortação cheia de verdade: «Vamos continuar a Obra, gaiatos amigos. Vós como Ele queria que fôsseis: Bons e trabalhadores. Nós, ajudando-vos com o que temos de sobra».

Mais 100\$ de uma dívida e 50\$ de outra. A primeira é uma Mãe que se desdobra em solicitude pelas duas gerações entre que está e manda mais 50\$ para uma velhinha por alma de «minha querida Mãe» e pede orações por seus filhos: «um rapazinho de 13 anos e uma rapariga de 21, empregada em Lisboa e bonita. Não preciso de dizer mais nada para compreender que é ela agora que mais precisa da protecção divina».

Mais cobertores e uma caixa de gravatas pretas. Mais muitos donativos e embrulhos no Espelho da Moda. De Tomar e do Porto 50\$ cada para a «Viúva dos oito filhos». Outro tanto «de dois amargurados». E quatro vezes mais referente a Agosto e Setembro de quem se subscreeve com esta legenda: «Amando os homens por amor a Deus, por inspiração do querido Pai Américo». Que título de glória no Céu este amor que a Caridade de Pai Américo despertou!

Cont. na página QUATRO

as nossas Casas são muito exigentes. E os nossos rapazes ainda mais. Uns lavradores, outros resineiros, professores, guarda-livros, serralheiros, carpinteiros e todas as artes.

Todas estas escolas nós temos de montar nesta Casa do Gaiato de Setúbal.

Agora ainda nada temos. Por isso, daqui até lá, quanto vós e eu teremos de gemer! Quando eu aparecer à vossa porta, não me mandeis despedir sem nada.

Mil de Lisboa a pedir intenções de Missa; duzentos dum visitante; cinco do mesmo modo; quarenta a

SETUBAL
Cont. da página UM

pedir uma Missa; cinquenta do Orvalho pelas Almas do Purgatório. Orvalho é da Beira-Baixa, terra do nosso Crisanto, gaiato chefe e «feitor» da nossa Casa.

Cadernos numa papelaria; vinte a um vendedor; cem em carta a desejar que lhe sirva de alívio na hora das Contas no Juízo Final. Eu estou convencido que sim. É do Evangelho. Naquela hora dirá o Justo Juiz: «Tive fome e deste-me de comer; tive sede e deste-me de beber; estava nu e vestiste-me; estava doente e visitaste-me; estava preso e foste-me ver. Quando Senhor? — Quando o fizeste a um dos meus irmãos.

Duzentos e trinta dum sacerdote de Coimbra que veio estar connosco; uma porção de latas de manteiga por intermédio do Senhor Comandante da Polícia. Isto é que tem sido!... Já todos trazem a pele mais lustrosa! E agora temos promessa do Senhor Governador Civil de cem latas de óleo.

Cem da Casa Albuquerque. Estes Senhores são cheios de atenções para nós. Agora dois grandes cestos de louças plásticas. Há um senhor que é totalmente apaixonado. Em toda a parte onde está, aí estamos nós. Não se cansa a mandar-nos coisas e a animar-nos.

Vinte duma Senhora dinamarquesa; cem, sapatos e bolachas das Irmãs do Sanatório do Outão. Muito contentes vieram de lá os nossos rapazes!

Uma caixa com lápis e borrachas e cem escudos; duzentos e trinta de visitantes; cem duma assinatura; setenta doutra assinatura; cinquenta dum visitante; cento e setenta em carta. E mais nada por hoje.

PADRE HORÁCIO

Facetas duma vida

CONT. DA PÁG. UM

ça, o ardente desejo que tinha de ser padre, se havia desfeito, pois o Américo tornou-se um folgazão, cantor e tocador de viola. Parecia um novo Américo, mas nos desabafos que tinha com a Mãe, falava-lhe sempre na sua grande e única aspiração. Pedia-lhe que implorasse do pai autorização para ingressar no Seminário. A Mãe, que melhor do que ninguém o conhecia, ia intercedendo junto do pai, mas nada conseguia.

— «Então não o vês um rapaz amigo da pândega tocador de viola, dançador e cantor como nenhum outro? Pode lá ser padre?! Não tem vocação. Olha, Teresinha, conheço todos os nossos filhos por dentro e por fora. O Américo é o único que não conheço. Ou há-de ser uma coisa muito grande ou então há-de nos dar muitos desgostos». — Entre o pai e a mãe e ponderadas as razões pelas quais o pai o contrariava no seu desejo de ser padre, foi então resolvido mandá-lo para o Porto estudar e praticar no comercio, para seguir mais tarde para Africa, onde já se encontrava o seu irmão Jaime.

João Monteiro de Aguiar

CHALES DE ORDINS

Da última vez que falei com Pai Américo, no dia da bênção da Capela de Beire, tratámos, entre outros assuntos, do futuro dos Chales de Ordins. «Agora não podem acabar, disse-me. Tornaram-se da Casa do Gaiato. Foi o nosso jornal». Sim, foi o Famoso e a projecção da Obra da Rua. Sem isso, os artesanatos de Ordins teriam morrido ao nascer. Lançada aqui a campanha dos Chales, foi pequeno o movimento nas primeiras semanas. Por Ordins, quisera fazer-me até Lisboa. Pai Américo dissuadiu-me com a sua palavra prudente. «É cedo», escreve-me, então. «Com estas pequeninas procuras, estude, experimente, meça a capacidade da produção, atendendo e executando o que aparece e depois sim. Mas só depois. Olhe que o padre da rua não deve nem prometer; — presta obediência». Obedei. Não fui a Lisboa. E não me arrependi. Os leitores sabem porquê. O chale 1.000.º já quase se enxerga!!! É caso para dizer com Pai Américo, quando chegou a primeira encomenda de Lourenço Marques: «Para onde isto caminha!» Escusado será dizer que a propaganda no «Famoso» sempre correu gratuitamente. Isto só o honra. Brincava Pai Américo com a «comissãozinha». Ao enviar-me as encomendas, quantas vezes escrevia: «Comissão de O Gaiato 10%». «Quanto para os nossos rapazes?»; «As Agências, todas as Agências, têm a sua percentagem. Não sei se me entende...!» Mas ao entregar-me as respectivas quantias dos ebales, vinha tudo direitinho. E a «comissão dos 10%»? «O Gaiato», desde a primeira hora, não vive de anúncios. Por isso, Ordins contraiu para com a Obra da Rua e seu Fundador uma dívida de gratidão insólvel.

Quem vai ao Porto, fica a saber, se até aí não, da Exposição Agrícola. São os cartazes afixados por toda a parte. Será no Palácio de Cristal, em fins deste mês. A Comissão organizadora não quis dispensar Ordins com seus chales, na secção de artesanato e etnografia. Comparecemos. Bem haja. Os senhores apareçam por lá. Olhem o inverno.

Entretanto, vão aparecendo encomendas. Quelimane (Moçambique) torna-se presente com 70 para um de 60. Oliveira de Frades, com bons ares, aparece com 130 para um dos grandes. O Lar do Gaiato de Coimbra cá vai, ao lado do Lar da Criança Portuguesa, do Porto. As Religiosas Enfermeiras do Hospital de Nazaré cá vão com um pequeno e dois dos grandes. «Todos têm gostado imenso deles».

Cont. da pág. TRÊS

E finalmente: «Aí vão 100\$ para os amigos Gaiatos. Para que Deus estenda o Seu manto de Bondade e de Misericórdia sobre nós e sobre o nosso amor, para que ele possa ser eterno, feliz e isento de pecado».

Uma cunhada do Porto vai fazer uma surpresa às suas 2 cunhadas que vão ser Mães, breve. Que será? Um chale «branquinho e bonito» a cada. Lisboa 150 para um grande. Cumprimos. Braga 220 para um grande e outro médio. Lisboa com 100 para um de 90.

Miramar com 70 para um dos pequenos. Tem pressa. «Vou-me embora da praia e queria dá-lo a um pobrezinho». Com a caridade material alia a espiritual, pedindo orações pela conversão dum pecador.

Melgaço terá uma grande propagandista. Ora leiam: «O chale que vier servirá de propaganda e creio bem, dentro em breve vos farei grande encomenda». Porto com 120 um de 90. Outra vez o Porto com um dos maiores. Não esqueçam os seus pobres. Aqueçam-nos com Chales de Ordins.

Padre Aires

AGORA

Cont. na página DOIS

para casa e pequeno quintal. Oportunamente se darão mais esclarecimentos, — talvez com a primeira remessa do dinheiro da cotização mensal».

Ora isto é o que se chama fazer obra perfeita: Casa e terreno a contar com pequeno quintal. E são Pobres, a remediar os Pobres. Oh! incenso de suave odor!

Mais 1.035\$ dos Funcionários dos C.T.T. do Porto. Estes querem saber em quanto vão e eu ainda não logrei descobrir notícia com que lhes dar resposta.

Pessoal da Hidro-Eléctrica do Cávado com 1.936\$00 e logo após mais 2.108\$30. Este é gente fixe e persistente. São da hora primeira e arrastam os seus patrões. Só no 1.º semestre deste ano já totalizaram 13.830\$90.

Agora passa a Escola Josefa de Óbidos, de Lisboa com uma casa inteirinha e atrás vão três anónimos com 100\$, outro tanto e três vezes mais.

A terminar este grupo é um caixeiro viajante com muitas migalhinhas dos seus clientes que somam 404\$50.

De ruas e bairros a embaixada é hoje mais pequenina: Bairro da Rua de S. Brás com 50\$. «Os Inseparáveis de Mascarelos» com 100\$ e Comerciantes da Rua de Santo António com 17. 216\$50. Mais Olívia da Rocha a recolher nova prestação em sua rua: 3.770\$00.

100\$ de M. Violeta. 2.134\$ depois duma palestra em Caldelas por um sacerdote do Porto muito nosso amigo. Outros 100\$ «em troca de orações pelos pecadores de todo o mundo, para que o Senhor não nos desampare». Não se pode ser mais católico: «pelos pecadores de todo o mundo»; nem mais realista: «que o Senhor não nos desampare».

Por intermédio do Jornal de Notícias 100\$ duma Senhora

Pelas Casas do Gaiato

MIRANDA

No dia 17 de Agosto, a convite do Reverendo Padre António Fernandes Francisco, um grupo de rapazes desta Casa, foi a Fátima com o senhor P.e Horácio, para lá, na Basílica do Santuário da Cova da Iria cantar juntamente com alguns seminaristas presentes, a primeira Missa Solene do novo Ministro de Cristo.

A Santa Missa principiou às 11 h. No final da Missa e de tiradas algumas fotografias, seguiu-se o almoço de festa que decorreu agradavelmente, sobre todos os aspectos. Além deste prazer, o nosso grande amigo, Sr. Padre Francisco, até então o Sr Chico, como era conhecido em nossa Casa, quis ainda vir cantar a sua segunda Missa Solene na nossa Capela.

Depois de termos dado uma voltinha pelos Valinhos e pela Loca, regressámos a Casa juntamente com o novo sacerdote.

Quando por volta das oito da tarde chegámos a Casa, esperavam-no na estrada ao fundo da quinta, o senhor Padre Adriano e todos os nossos rapazes com flores. Tinham arranjado arcadas e desde o fundo da quinta até à Capela encontrava-se um tapete arranjado artisticamente pelo Faísca e ainda outras surpresas muito interessantes.

Após a sua chegada, rezamos o nosso Terço e o senhor Padre Francisco deu-nos a Bênção do Santíssimo Sacramento.

Nesse dia o jantar foi melhorado e então, na manhã seguinte, dia 18, foi celebrada e cantada a segunda Missa Solene, tendo alguns comungado por intenção do senhor Padre Francisco que durante as suas férias, enquanto seminarista, tomou parte nas nossas alegrias, tristezas, dificuldades, etc. Era um bom e velho amigo como todos nós o compreendemos.

Estamos-lhe imensamente gratos pela satisfação que nos deu e pedimos ao Pai do Céu que o ilumine, lhe dê força e coragem para ser pela vida fora um bom sacerdote, outro Cristo na terra.

Carlos Manuel Trindade (Sardinha)

PAÇO DE SOUSA

— As abelhas agora têm andado muito mal tratadas. Os apicultores e aprendizes só são zelosos quando há mel para tirar. Assim também eu fazia! Em tempos ainda lá andou o Joaquim Bonifácio, mas nem sempre há mel, daí o desânimo... É muito amigo delas e zeloso...mas de paleio!

— O nosso grupo de futebol está-se preparando para defrontar fortes adversários que nos fazem seus convites.

Estamos bastante desfalcados, mas vamos treinar com vontade para não deixarmos os créditos por mãos alheias.

Em adquirindo a forma antiga, aparecerão com toda a naturalidade os mais diversos triunfos. Não levará muito tempo que isto suceda, se todos se treinarem com vontade e puserem

da Rua do Almada. Mais argamassa de suor: 20\$ referente a tabaco a menos durante o mês findo». E não é um mês ou outro... São todos desde há muito tempo! A perseverança não é o menor valor!

Para a Casa com a placa «A minha Noiva — J.C.» a quarta prestação 500\$. Este rapaz, santamente apaixonado, termina com a actualização do seu saldo: «Total em dívida — 10.000\$00».

Termina a precissão de hoje o Alberto de Gaia, o do Plano Decenal, que envia os 100\$00 respeitantes à 8.ª prestação do 2.º ano.

o coração na luta. É assim que se fazem os grandes azes e se alcançam rotundas vitórias. Sem uma preparação físico-técnica é que não podemos arranjar nada. Preparemo-nos o melhor que pudermos e depois continuaremos as nossas digressões pela provincia.

— Quem te deu essa maçã?
— Foi o «Quico».
— Chama cá o «Quico».
— Quem te deu aquela maçã?
— Foi o «Palbaço».
— Como é que isso foi arranjado Serafim?
— Achei-a.
— O que estavas a fazer debaixo daquela árvore?
— A ver se caía alguma.
— Mas já tinhas essa?
— E não podia vir outra?...
— Pois podia, mas caadinha no pelo veni de certeza.

Cró... coró... có... có...
É a canção das galinhas...
É sinal de ovo, que é posto nos mais variados sítios.

Aos que acharem mais, a Senhora da cozinha dá um frito. Por isso todos andam à cata deles.

Alguns iam mesmo tirá-los à capoeira, mas a coisa durou pouco tempo porque o Sedielos deu com o truque e acabou-se o paleio!...

— Jardins. O da Casa 1, tratado pelo «António Bocage», é o melhor sem dúvida. O da Casa Três e Casa Quatro, também estão muito tirones! Precisamos do ânimo de outros para que a nossa cidadezinha se torne num tapete vistoso, isto é num canteiro todo florido e que encante quem nos visite.

Daniel Borges da Silva

Venda no Porto...

Amigos leitores, na última vez que ou escrevi para o «Famoso», contava como correu a venda do jornal; por acaso correu tudo bom, graças a Deus, mas desta vez a gente vendeu muito menos, penso eu que «O Gaiato» ainda não mudou de título para o deixarem de comprar, que é bom, bonito e barato.

Se vão quinze vendedores para a cidade do Porto, é para os Senhores nos comprarem «O Gaiato». Braga, é uma bela cidade, mas vende-se muito pouco. Temos na dita cidade numerosos senhores amigos da Obra, e é isso que nos leva com tanto carinho a irmos lá. Tenho imensa pena que nesta cidade se venda pouco, pois o meu maior desejo era que ela fosse a segunda do País na compra do Famoso. Não seja o «Camisola Amarela» que nela ande metido! Espero, pois, que isto melhore, caso contrário não vejo a minha aspiração satisfeita.

— Todas as quinzenas de venda, como é costume nosso, vamos merendar à Cervejaria Sá Reis. E um dos nossos rapazes deixa ficar em cima duma cadeira, alguns jornais. Isto já no fim da venda, é sinal que os senhores não nos quiseram deixar de mãos vazias e dá resultado de nós nos enganarmos. Façam com que nós venhamos sempre sem jornais.

— A nossa oficina de Tecelagem continua a funcionar e vender pano. Porque é que há tanto tempo não aparece nenhuma encomenda? Dá a entender que a esqueceram. Nós estamos sempre presentes, é pedir o nós enviamos imediatamente. Temos presentemente pano crú de 70 e 90 cm.

Pedidos feitos à Tecelagem da Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

— Mais um anónimo que ofereceu um fato ao Lampreia. Em nome do rapaz, muito obrigado. Aqui há tempos, estiveram aqui uns fregueses do

Carlos, que também lho trouxeram uma fato e uns sapatos. Mais uma vez, muito e muito obrigado.

— Aqui atrazado fui eu mais-lo Maquito fazer um peditário à Igreja de Rio Tinto, da qual trouxemos a passar de dois contos. Agradeço a todas as pessoas, em especial ao Senhor que nos acompanhou e ao Senhor Abade que falou acerca da nossa Obra e do nosso Pai Américo.

E por agora mais nada, a não ser os respeitosos cumprimentos do amigo gaiato

Mário Ramos (Banana)

... nas Beiras

Eu não queria de maneira alguma lembrar o triste acontecimento de há pouco ainda e que ainda agora pesa e pesará em todos nós. Mas o que é certo, é que a profecia do nosso saudoso Pai Américo está a cumprir-se: «A Obra começará no dia da minha morte».

Os visitantes não cessam de chegar, o correio é cada vez mais volumoso, os donativos e as assinaturas do nosso jornal aumentam, a nossa Obra já não há parte alguma onde ela não seja conhecida, e sobretudo a venda do nosso jornal tem aumentado extraordinariamente. Os jornais publicados após a morte do Pai Américo, não têm chegado para as encomendas, apesar de se ter redobrado a tiragem. Se até aqui, em qualquer parte, éramos alvo de grandes carinhos, agora muito mais. Tanto faz ser em Coimbra, Figueira, Covilhã, Castelo Branco, Fundão, Lousã ou Luso. Onde quer que a gente vá, aí somos tratados com todos os carinhos.

Este ano fomos vender pela primeira vez ao Luso. Ao falar do Luso quero ter uma palavra de gratidão para com todas as pessoas que nos têm dispensado todo o carinho, e sobretudo à Senhora muito delicada dos C.T.T. de Coimbra, que foi quem teve a iniciativa de se ir vender àquela terra.

Quem lá vai vender é o João. Ele é que devia escrever a agradecer tudo quanto lá lhe fazem, pois ele é que sabe, melhor que ninguém.

Em Coimbra e Figueira, é a mesma coisa. Toda a gente quer que vamos almoçar a suas casas.

Na Figueira, cumpre-se uma tradição antiga e não trocamos mais ninguém pelo senhor Doutor muito amigo que há tanto tempo nos recebe sempre de braços abertos.

O Figueiredo e o Pião, os maiores azes do Famoso que por aqui o têm vendido, abandonaram já a venda por serem bastante crescidos.

Há pessoas que quando os nossos vendedores são já um pouco crescidos não os gostam de ver a vender e mandam-nos ir trabalhar que já têm bom corpo, etc. Se essas pessoas souberem avaliar o que custa muitas vezes a venda aos maiores, não fariam assim. Na venda de «O Gaiato» há muitas alegrias, é verdade, mas também há muitas canseiras, sobretudo a venda da Beira Baixa exige um grande espírito de sacrifício.

Agora quem vai vender à Beira Baixa são dois pequenitos: o «Cabouco» e o «Cigano» que é natural de Castelo Branco. A estreira tiveram uma boa venda e vieram carregados de roupas que por lá lhes deram. Oxalá que não seja assim só na estreira, mas sim, sempre.

E agora só um pedido. A nossa vontade é que a venda aumente cada vez mais, não só por ser uma excelente fonte de receita para a nossa Casa, como também por nele ir encerrada a verdadeira doutrina do Evangelho. Por isso, todos nós precisamos de o ler e meditar e era bom que cada leitor fosse um propagandista, colaborando assim para a expansão de «O Gaiato» e do Evangelho.

(Sardinha)